

OS HOMENS MADUROS QUE NÃO TRABALHAM NEM SÃO APOSENTADOS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DA PNAD CONTÍNUA

Ana Amélia Camarano¹
Daniele Fernandes²

1 INTRODUÇÃO

Em geral, associa-se a saída “precoce” da população masculina do mercado de trabalho à aposentadoria em idades ainda consideradas jovens. Embora isto também ocorra no Brasil, existem outros fatores que têm levado a uma saída precoce. Por exemplo, entre 1993 e 2013, observou-se um crescimento no número de homens de 50 a 59 anos que não trabalhavam, não procuravam trabalho e não eram aposentados nem pensionistas, denominados nem-nem (Camarano e Carvalho, 2015).

Essa constatação chamou a atenção pelo fato de que a literatura aponta que o trabalho é o evento social mais importante da vida dos homens, e os contratos tradicionais de gênero estabelecem os papéis de provedor para eles e de cuidadora para as mulheres. Esse crescimento sugere, entre outros fatores, mudanças nas relações de gênero, pois se observou uma diminuição na proporção desses homens na condição de chefes de família e um aumento na de cônjuges e na de homens morando com os pais. Isto pode ser reflexo das dificuldades experimentadas por eles na inserção no mercado de trabalho, dada, também, à sua baixa escolaridade, o que o requer uma maior participação das mulheres (Camarano e Carvalho, 2015).

Essa tendência é contraditória com o novo regime demográfico e com o déficit da previdência. A saída mais tarde das atividades econômicas é um requisito importante para minimizar os desafios trazidos pela redução da força de trabalho e pelo envelhecimento populacional e aliviar a crise fiscal previdenciária. Acredita-se que essa situação sugere um desequilíbrio entre as habilitações e as capacidades da população ativa com as necessidades do mercado de trabalho. Preconceitos por parte dos empregadores com relação à mão de obra mais velha têm sido um dos principais fatores utilizados para explicar esse desequilíbrio.

1. Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea. *E-mail*: <ana.camarano@ipea.gov.br>.

2. Pesquisadora do Programa de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) na Disoc/Ipea. *E-mail*: <daniele.fernandes@ipea.gov.br>.

Os preconceitos são resultados, na maioria das vezes, de percepções negativas a respeito das condições de saúde da mão de obra mais velha, bem como de uma produtividade mais baixa. Se, por um lado, a idade leva a um aumento da responsabilidade, da experiência e da autonomia dos trabalhadores, ela pode resultar, também, em uma diminuição das capacidades aeróbica, muscular, termorregulatória e cognitiva, o que poderá alterar a capacidade de trabalho. No entanto, o envelhecimento também depende de variáveis individuais, como genética, trajetórias de vida, antecedentes patológicos e meio ambiente. Por outro lado, é sabido que as coortes mais velhas têm uma escolaridade mais baixa comparativamente às mais jovens, o que pode resultar em uma produtividade mais baixa.

Assumindo que, em 2050, 53,5% da população brasileira de 15 anos ou mais terá 50 anos ou mais, passam a ser requeridas ações para eliminar as barreiras que inibem a participação da população mais velha nas atividades econômicas.

O objetivo deste trabalho é o de fazer uma análise exploratória sobre a situação dos homens brasileiros de 50 a 59 anos que não trabalhavam nem procuravam trabalho e que nem eram aposentados nem pensionistas em 2016, com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Como esta fonte não traz informações sobre condições de saúde, uma breve avaliação destas será feita com base na Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2013, também do IBGE, muito embora se reconheça que estas fontes não são comparáveis. Para medir não trabalhar e não procurar trabalho, utilizou-se o conceito de população economicamente ativa (PEA). Entre os não aposentados, incluiu-se, também, pessoas que não recebiam pensão por morte.

O trabalho está dividido em seis seções, incluindo esta introdução. A seção 2 analisa as características dos homens brasileiros de 50 a 59 anos que não estavam na força de trabalho e não eram aposentados no ano de 2016, aqui denominados de nem-nem. A seção 3 busca inferir se o fenômeno dos nem-nem está sinalizando alguma mudança nas relações de gênero. Na seção 4, são analisadas as condições de saúde destes, tentando inferir se a sua saída “precoce” derivaria das suas condições de saúde. Na seção 5 descreve-se a inserção desses indivíduos nas famílias, comparando com as condições dos que vivenciavam outros papéis sociais. Em seguida, na seção 6, apresenta-se uma síntese dos resultados.

2 ALOCAÇÃO DO TEMPO: TRABALHO, APOSENTADORIA E...

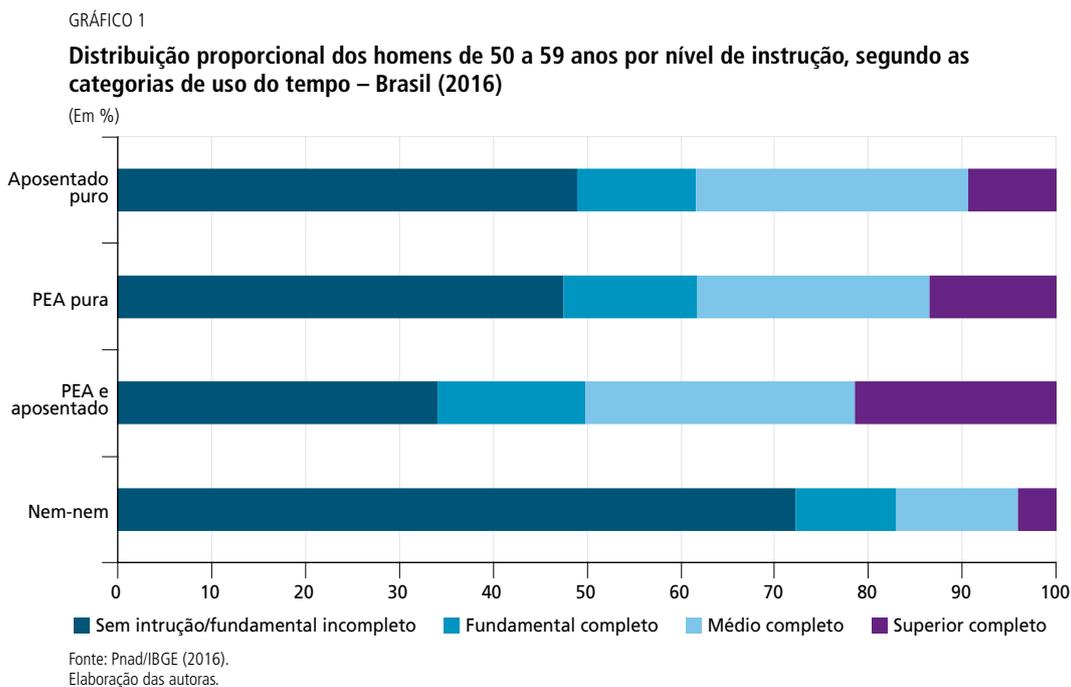
Muito embora os dados da Pnad Contínua não sejam comparáveis aos das anteriores, pode-se inferir um crescimento de homens nem-nem na faixa etária de 50 a 59 anos. Constituíam, em 1993, 4,3% do total de homens nesta faixa; em 2013 passaram a constituir 8,6%; e, em 2016, estavam em 9,5%. Contudo, embora a proporção de mulheres nessa categoria seja predominante, a proporção comparável diminuiu de 41,0% para cerca de 32,0%, tanto em 2013 quanto em 2016. Caso sejam somados os desocupados nesta categoria, as referidas proporções aumentam para 13,8% e 34,9%, homens e mulheres, respectivamente, em 2016. Isto sugere que esses homens não cumpriram o requisito para se aposentarem e experimentavam dificuldades para se inserir em alguma atividade econômica.

A questão levantada neste trabalho é entender a situação dos homens de 50 a 59 anos que não participavam de nenhum dos dois eventos típicos desta faixa etária, aposentadoria

e especialmente o mercado de trabalho. Nesta nota não foram consideradas as mulheres, embora estas compunham a grande maioria desse segmento, pois se acredita que exista um forte componente de gênero nesse fenômeno. Assume-se que uma parte dessas mulheres tenha constituído família e esteja desempenhando o papel tradicional de mãe e dona de casa.

Entre as dificuldades para a inserção dos homens mais velhos na atividade econômica, citam-se os preconceitos com relação ao trabalho destas pessoas. Embora tenham mais experiência profissional que os mais jovens, têm mais dificuldades de acompanhar as mudanças tecnológicas, as taxas de absenteísmo no trabalho são mais elevadas devido a morbididades, têm menos força física etc. A sua escolaridade mais baixa sugere uma alocação maior em atividades que demandem mais força física.

O gráfico 1 apresenta a distribuição percentual dos homens brasileiros de 50 a 59 anos por nível de instrução segundo as quatro categorias de uso do tempo em 2016. Estas categorias são: não participar da PEA e não ser aposentado nem pensionista (nem-nem); participar da PEA e ser aposentado e/ou pensionista; participar da PEA e não ser aposentado nem pensionista; e não participar da PEA e ser aposentado e/ou pensionista. Em 2016, a mais baixa escolaridade foi observada para os nem-nem e a mais alta para os que estavam na PEA e eram aposentados. Enquanto 72,3% dos nem-nem não tinham nenhuma instrução ou apenas o fundamental incompleto, a proporção comparável para os aposentados que também faziam parte da PEA foi de 34,1%. Já 21,4% destes homens tinham curso superior completo e apenas 4,1% dos nem-nem estavam nesta condição. A menor escolaridade pode, também, ser um fator para explicar as dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Camarano *et al.* (2013) mostraram que uma maior escolaridade leva a uma participação mais elevada nas atividades econômicas por parte das pessoas em idades mais avançadas. O mais elevado custo de oportunidade na saída do mercado de trabalho gerado pela maior escolaridade pode explicar a volta do aposentado ao mercado de trabalho. Isto representa aproximadamente um terço dos aposentados.



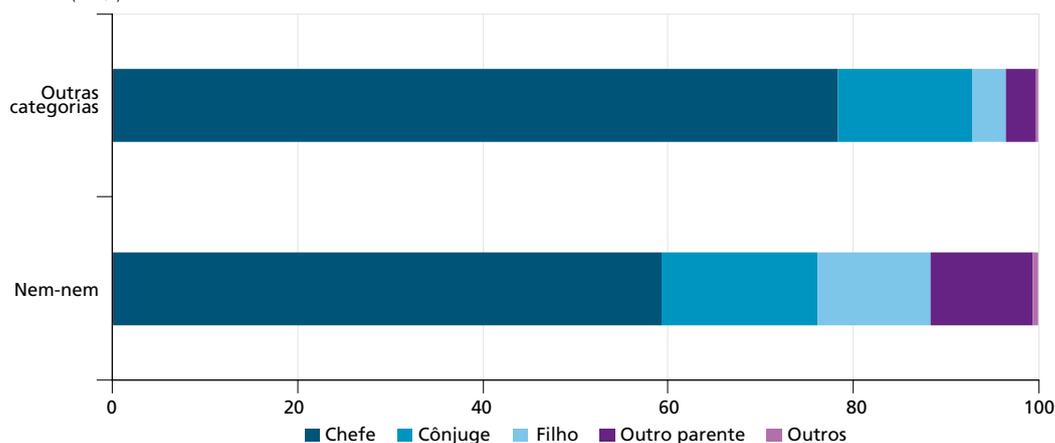
3 MUDANÇAS NAS RELAÇÕES DE GÊNERO?

Esta seção busca inferir se esse crescimento dos nem-nem está levando a uma mudança nas relações de gênero. Os contratos tradicionais de gênero estabelecem que cabe ao homem trabalhar para prover a família e às mulheres cuidar dos membros dependentes. Um dos indicadores utilizados nesta investigação é a condição na família, que foi comparada à dos demais homens da mesma faixa etária classificados nas três outras categorias. Estas foram agrupadas em apenas uma para facilitar a comparação (gráfico 2). A unidade de análise aqui utilizada é o domicílio, embora o trabalho refira-se quase sempre à família. Para uma discussão do conceito de família e domicílio, consulte Medeiros (2002).

GRÁFICO 2

Distribuição proporcional dos homens de 50 a 59 anos por condição no domicílio, segundo as categorias de uso do tempo – Brasil (2016)

(Em %)



Fonte: Pnad/IBGE (2016).
Elaboração das autoras.

Entre os homens nem-nem, predominavam os chefes de família (59,3%), mas em proporção inferior à das demais categorias (78,3%). Esta diferença foi compensada pela maior proporção de nem-nem na condição de cônjuges, filhos e outros parentes, especialmente nas duas últimas situações. Isto sugere que, no caso de separações e/ou pela falta de trabalho/renda, esses homens voltam para a casa dos pais. Outra característica da vida adulta é a saída da casa dos pais e a constituição de um domicílio próprio. Pergunta-se, portanto, o que significa essa volta ou não saída. Outro ponto a ser salientado é que dos homens nem-nem cônjuges, 76,0% tinham uma esposa com rendimentos, dos quais 60% eram oriundos do trabalho.

A Pnad Contínua investigou também se os indivíduos pesquisados haviam realizados alguma tarefa de cuidados a moradores do mesmo domicílio, seja em crianças, seja em idosos, enfermos ou pessoas com necessidades especiais. Foi também discriminada a idade do indivíduo cuidado. Entre os nem-nem, 14,5% dos homens e 27,3% das mulheres declararam realizar alguma atividade de cuidado (tabela 1). A proporção de homens nas demais categorias não diferiu muito da observada entre os nem-nem, e também foi inferior à das mulheres nos dois casos. Para estas, ser nem-nem afeta a proporção de cuidar. A grande maioria declarou cuidar de pessoas de 6 a 14 anos, independentemente do sexo e da situação quanto ao uso do tempo, à exceção dos homens nem-nem, que declararam uma proporção ligeiramente superior que cuida da população com 60 anos ou mais.

TABELA 1

Proporção da população de 50 a 59 anos que declarou exercer alguma atividade de cuidado aos moradores do domicílio e doméstica por quem cuidou, segundo o sexo e a categoria de uso do tempo – Brasil (2016)

	Homens		Mulheres	
	Nem-nem	Outras	Nem-nem	Outras
Atividades de cuidado (%)	14,5	15,0	27,3	21,6
0 a 5 anos (%)	23,9	25,4	22,0	20,0
6 a 14 anos (%)	28,0	42,5	28,0	27,9
15 a 59 anos (%)	21,7	20,8	21,4	17,5
60 anos ou mais (%)	29,3	10,4	19,8	19,1
Trabalho doméstico (%)	66,0	79,7	93,4	94,4
Número de horas trabalhadas	14,1	11,1	27,9	21,0

Fonte: Pnad/IBGE (2016).
Elaboração das autoras.

A Pnad Contínua investigou também a realização de trabalho doméstico. No caso em estudo, embora os homens participem, também, das tarefas domésticas, a proporção de mulheres que o fazem é bem maior, independentemente da categoria de uso do tempo. Além disso, uma proporção mais elevada de homens que estavam nas demais categorias reportou realizar atividades domésticas comparativamente aos nem-nem (79,7% e 66,0%, respectivamente). Entretanto, considerando o número de horas trabalhadas semanalmente, os homens nem-nem reportaram um número maior do que os demais (14,1 e 11,1). De qualquer forma, estes números são aproximadamente a metade do reportado pelas mulheres. Esta informação refere-se ao número de horas trabalhadas nas duas atividades conjuntamente (atividades de cuidado e trabalho doméstico).

Sintetizando, as informações analisadas não permitem inferir se o fenômeno nem-nem está relacionado a mudanças nas relações de gênero. Mesmo não trabalhando, os homens participam em proporções bem menores nas atividades de cuidar e nas domésticas do que as mulheres.

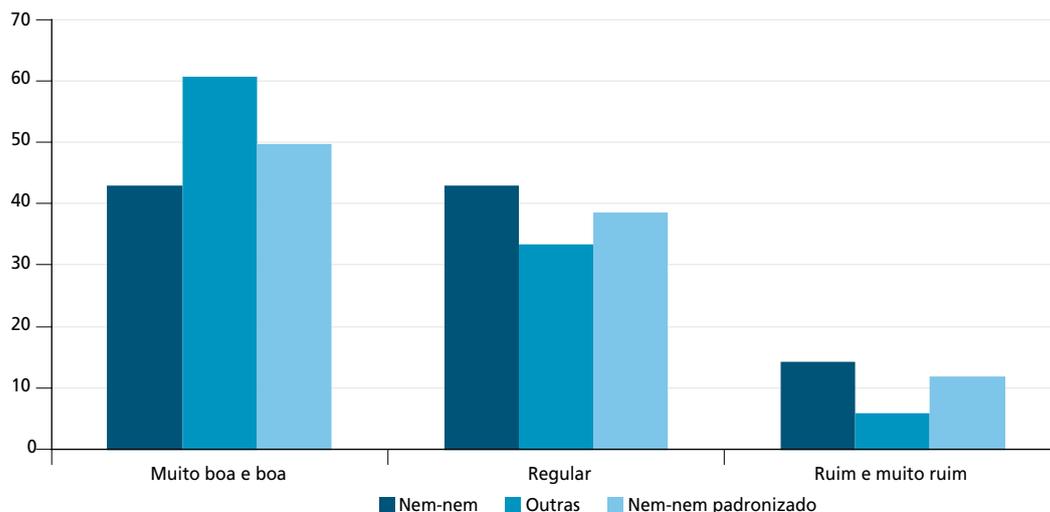
4 PIORES CONDIÇÕES DE SAÚDE?

Para inferir se os nem-nem não estão participando do mercado de trabalho porque estão em piores condições de saúde, recorreu-se às informações da PNS de 2013. O gráfico 3 apresenta a distribuição proporcional dos homens de 50 a 59 anos pela autodeclaração de saúde segundo o uso do tempo. Os nem-nem reportaram piores condições de saúde do que os demais. Isto pode ser explicado, em parte, pela sua mais baixa escolaridade, que afeta, também, as suas condições de saúde. Para eliminar este problema, apresenta-se, no mesmo gráfico, a mesma distribuição proporcional dos nem-nem pela autodeclaração das condições de saúde, assumindo que estes teriam a mesma escolaridade dos demais, ou seja, padronizados pela escolaridade. Neste caso, a proporção dos nem-nem com boa saúde aumentaria e a dos com saúde ruim ou regular diminuiria. Ou seja, diferenças na escolaridade explicam parte das diferenças nas condições de saúde entre essas categorias. Como as informações são *cross-section*, não se sabe se as diferenças levaram à saída precoce ou se estas condições pioraram após a saída do trabalho.

GRÁFICO 3

Distribuição proporcional da população masculina de 50 a 59 anos por autodeclaração de saúde, segundo as categorias de uso do tempo – Brasil (2013)

(Em %)



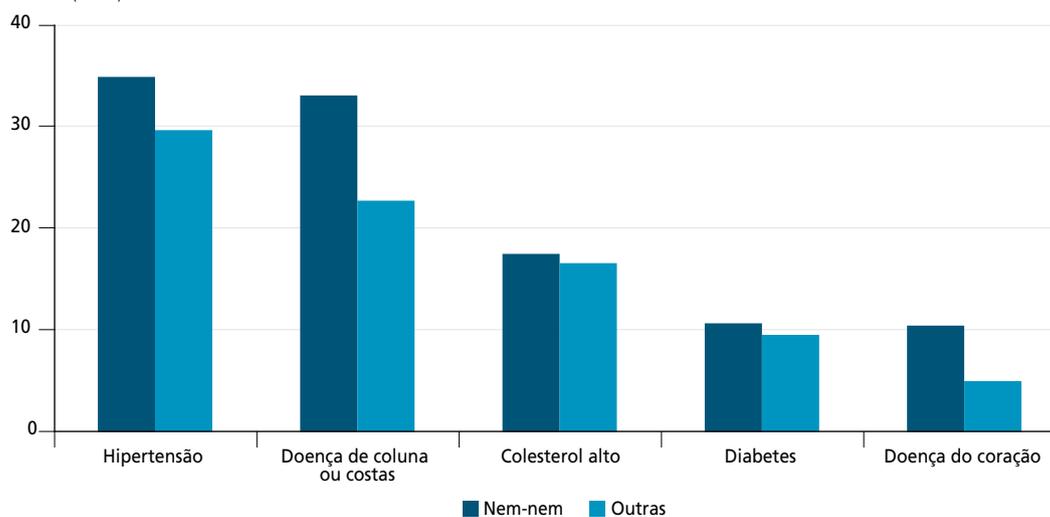
Fonte: PNS/IBGE (2013).
Elaboração das autoras.

Foi possível também conhecer a proporção dos homens brasileiros que declarou ter pelo menos uma doença crônica. Foram os nem-nem que reportaram a mais elevada proporção (73,5%), comparados aos homens nas outras categorias (58,6%), consistentemente com a autodeclaração de saúde. O gráfico 4 apresenta a proporção de homens brasileiros com as cinco mais importantes das 12 doenças pesquisadas. Em todas elas, os nem-nem declararam uma proporção mais elevada do que os demais. As maiores diferenças relativas foram nas doenças do coração e nas de coluna ou costas. É possível que estas doenças diminuam a capacidade laboral, principalmente de pessoas com escolaridade mais baixa. Para estas pessoas, as ocupações predominantes são as que requerem força física.

GRÁFICO 4

Proporção de homens de 50 a 59 anos com doenças crônicas pelas cinco doenças mais citadas, segundo o uso do tempo – Brasil (2013)

(Em %)



Fonte: PNS/IBGE (2013).
Elaboração das autoras.

5 CONDIÇÕES DE VIDA DOS NEM-NEM

A tabela 2 mostra que os homens que não trabalhavam nem eram aposentados estavam inseridos em famílias cujo rendimento médio domiciliar, tanto total quanto *per capita*, era bem mais baixo do que o das famílias que tinham homens de 50 a 59 anos nas outras categorias. O valor do rendimento médio *per capita* dos primeiros domicílios equivalia a 60% do rendimento dos domicílios onde moravam os demais homens. Em ambos os casos, a principal fonte de rendimento era o trabalho, o que é compatível com o momento no ciclo vital dos chefes, cuja idade média não ultrapassou os 57 anos. Esta contribuição era mais baixa nos domicílios dos nem-nem, em parte porque o número de pessoas que trabalhavam nestes domicílios era menor, uma diferença de 0,6 pessoa. Isto pode, talvez, ser explicado pelo menor número de mulheres na PEA, 0,8 a menos do que nos domicílios sem nem-nem. No entanto, as famílias com nem-nem são maiores. Isto significa uma maior dependência sobre a renda dos que trabalham e/ou sobre os benefícios sociais. A contribuição de doações de membros não residentes nos domicílios era muito baixa nos dois casos.

TABELA 2

Algumas características dos domicílios com homens de 50 a 59 anos, segundo as categorias de uso do tempo – Brasil (2016)

Características	Com pelo menos um homem que não é PEA nem aposentado/pensionista	Sem nem-nem
Número médio de moradores	3,3	2,9
Idade média do chefe	57,0	56,1
Rendimentos (em R\$)		
Rendimento médio domiciliar	2.735,26	4.042,06
Rendimento médio <i>per capita</i> dos domicílios que têm homens na categoria estudada	811,2	1.358,3
Fontes de rendimento dos chefes (%)		
Trabalho	66,2	69,4
Aposentadoria/pensão	25,3	26,9
Aluguel	5,4	2,4
Doações	1,1	0,7
Outros rendimentos ¹	1,9	0,6
Contribuição da renda dos membros nos domicílios (%)		
Chefe	61,6	52,5
Cônjuge	9,9	24,3
Filho	22,5	17,1
Outro parente e outro membro	6,1	6,1
Participação na PEA		
Número médio de pessoas que fazem parte da PEA	1,3	1,9
Número médio de mulheres que fazem parte da PEA	0,3	1,1
Número médio de pessoas aposentadas/pensionistas no domicílio	0,4	0,6

Fonte: Pnad/IBGE (2016).

Elaboração das autoras.

Nota: ¹ Bolsa Família e outros programas sociais.

Aproximadamente dois terços da renda dos domicílios dos nem-nem era oriunda da renda do chefe, proporção maior do que a observada para os demais. A segunda contribuição importante na renda dos domicílios com -nem-nem era dos filhos (22,6%). Nas demais famílias, foram os cônjuges que apresentaram a maior contribuição.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que a saída mais cedo do mercado de trabalho pelos homens brasileiros não está associada apenas à aposentadoria “precoce”. Cerca de 10% dos homens de 50 a 59 anos não trabalhavam e não eram aposentados nem pensionistas. Isto sinaliza para uma dificuldade do mercado de trabalho de absorvê-los. As informações da PNS mostram que os homens nem-nem apresentavam condições de saúde inferiores aos demais, e também uma proporção mais elevada de doenças crônicas. Algumas destas, como dores nas costas ou na coluna, podem incapacitar para o trabalho, principalmente naquelas ocupações que demandam mais força física. É comum encontrar homens de baixa escolaridade nestas ocupações, o que seria o caso dos nem-nem.

A literatura aponta que o trabalho é o evento social mais importante da vida dos homens, pois os contratos tradicionais de gênero estabelecem os papéis de provedor para eles e de cuidadora para as mulheres. Eventos ligados ao mercado de trabalho, como escola e aposentadoria, definem as fases da sua vida. Nesse caso, pergunta-se como se pode entender essa não inserção em nenhum desses eventos. Não se encontrou nenhuma evidência de mudanças nas relações de gênero, apesar de se ter observado uma menor proporção de homens nem-nem chefes de família e uma maior de cônjuges e filhos, comparativamente aos demais. Mas a proporção de homens que declarou dedicar-se a atividades de cuidados não diferiu muito entre os não nem-nem e foi inferior à das mulheres. Em relação aos afazeres domésticos nos dois casos, a proporção de homens nem-nem foi inferior à dos demais, mas o número médio de horas trabalhadas foi ligeiramente maior.

A tendência aqui analisada age em sentido contrário ao requerido pelo novo regime demográfico. A saída mais tarde do mercado de trabalho é um requisito importante para contrabalançar os desafios trazidos pela redução da oferta de força de trabalho e pelo envelhecimento populacional. Muito embora as patologias do envelhecimento estejam ocupando um espaço menor no ciclo da vida (relativo e absolutamente), isto não tem acontecido de forma uniforme na sociedade brasileira. Ou seja, o prolongamento do tempo de vida potencial de trabalho tem ocorrido de forma desigual.

Também, de forma desigual vem ocorrendo o aumento da escolaridade da população brasileira. Embora a análise feita nesta nota tenha sido bastante exploratória, ela sugere a importância da escolaridade no uso do tempo dos homens brasileiros. Enquanto os mais escolarizados participavam simultaneamente nos dois eventos típicos dessa fase da vida, os menos não participavam em nenhum. Também reforça o papel da escolaridade nas condições de saúde. Acredita-se que as novas coortes serão mais escolarizadas, mas o mercado de trabalho tem exigido uma mão de obra cada vez mais qualificada para lidar com os rápidos avanços da tecnologia. Isto requer que as políticas públicas atuem no sentido de promover uma inserção adequada desses indivíduos no mercado de trabalho. Ou seja, políticas de capacitação continuada, de saúde ocupacional, de redução de preconceitos, entre outras.

REFERÊNCIAS

CAMARANO, A. A.; CARVALHO, D. F. O que estão fazendo os homens maduros que não trabalham, não procuram trabalho e não são aposentados? **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 9, p. 2757-2764, 2015.

CAMARANO, A. A. *et al.* **Envelhecimento populacional, perda da capacidade laborativa e políticas públicas brasileiras entre 1992 e 2011**. Rio de Janeiro: Ipea, 2013. (Texto para Discussão, n. 1890).

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) 2013**: percepção do estado de saúde, estilos de vida e doenças crônicas – microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) 2016**: resultado anual – microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

MEDEIROS, M. **O levantamento de informações sobre as famílias nas Pnads de 1992 a 1999**. Rio de Janeiro: Ipea, 2002. (Texto para Discussão, n. 860).

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CAMARANO, A. A.; FERNANDES, D. O que estão fazendo os homens maduros que não trabalham, não procuram trabalho e não são aposentados? **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, n. 57, p. 21-30, 2014.

